

Para todas as grandes senhoras: alquimia feminina em Veneza do século XVI*For all the great ladies: feminine alchemy in 16th century Venice*Isabel Antonello Flores,¹ UFSM**Resumo**

Este artigo busca compreender qual a alquimia destinada às mulheres e a relação dessa com o contexto em que viviam. Para tal, utiliza como fonte o livro de segredos escrito por Isabella Cortese e intitulado *I secreti de la signora Isabella Cortese, ne'quali si contengono cose minerali, medicinali, arteficiose, & Alchimiche, & molte de l'arte profumatoria, appartenenti a ogni gran Signora. Con altri bellissimi Secreti aggiunti*. A análise de tal documento foi feita articulando os conceitos de diferentes campos historiográficos, tais como gênero, história cultural e esoterismo. Com isso, percebemos como a alquimia para mulheres pode ser entendida tanto de forma espiritual quanto prática, relacionando-se com aquela destinada aos homens. Ainda, dialoga com o contexto do movimento renascentista dos territórios italianos do século XVI, com aspectos econômicos e da dimensão do trabalho possível para aquelas mulheres.

Palavras-chave: Alquimia; Gênero; Esoterismo; Isabella Cortese.

Abstract

This article aims to understand the alchemy intended for women and its relationship with the context in which they lived. To do so, it uses as a source the book of secrets written by Isabella Cortese and entitled *I secreti de la signora Isabella Cortese, ne'quali si contengono cose minerali, medicinali, arteficiose, & Alchimiche, & molte de l'arte profumatoria, appartenenti a ogni grand Signora. Con altri bellissimi Secreti aggiunti*. The analysis of this book was carried out by articulating concepts from different historiographical fields, such as gender, cultural history and esotericism. With this, we perceived how the alchemy for women can be understood both spiritually and practically, relating to that destined for men. Furthermore, it dialogues with the context of the Renaissance movement in Italian territories in the 16th century, with economic aspects and the work dimension that was possible for those women.

Keywords: Alchemy; Gender; Esotericism; Isabella Cortese.

Introdução

Qual era a alquimia destinada à mulher e o que isso nos diz em relação à realidade desses sujeitos no recorte espaço-temporal dos territórios italianos do século XVI? Para responder a esta pergunta, utilizamos do tratado alquímico contido na fonte *I secreti de la*

¹ Graduanda em licenciatura em História na Universidade Federal de Santa Maria. Desenvolve pesquisas que versam sobre o papel da alquimia e do esoterismo na construção de papéis de gênero no século XVI. É membro do Virtù- Grupo de História Medieval e Renascentista e do Centro de Estudos sobre el Esoterismo occidental de la Unión de América Latina (CEE-AL). Email para contato: isabel.flores@acad.ufsm.br

*signora Isabella Cortese, ne'quali si contengono cose minerali, medicinali, arteficiose, & Alchimiche, & molte de l'arte profumatoria, appartenenti a ogni gran Signora. Con altri bellissimi Secreti aggiunti*², publicado no ano de 1561, na cidade de Veneza.

A obra faz parte do gênero literário do segredo, o qual ganhou popularidade dentro do contexto de mudanças culturais do século XVI, principalmente com o movimento renascentista. Para William Eamon (1986, p. 322), além de expor uma alteração na concepção de como o conhecimento deveria ser tratado, esses livros passaram a revelar para os leitores os segredos da natureza e das artes. Dessa forma, como ressaltam Eliane Leong e Alisha Rankin (2011, p. 8), o segredo não indica algo desconhecido, mas como fazê-lo.

Entre os livros de segredos que chegaram até nós, “*I secreti...*” apresenta uma peculiaridade: é o único que possui, supostamente, autoria feminina. Ao utilizarmos o termo “supostamente”, queremos reconhecer o debate em torno da existência da autora. Isso porque, de acordo com Meredith Ray (2015, p. 55), além do próprio livro, faltam documentos que comprovem que alguma Isabella Cortese tenha vivido durante a época de publicação da obra. Porém, isso não interfere em nossa pesquisa, pois, embora a vida de um autor ajude a compreender características de sua obra, o que está em análise é o conteúdo do tratado.

O que nos interessa nesta discussão são as considerações feitas levando em conta o mercado editorial da época e como utilizar um nome feminino se apresentaria enquanto uma vantagem para a venda desta obra. Isso porque se acredita que os livros de segredos tinham o público feminino enquanto alvo, principalmente por conta das temáticas, do formato em receita e da escrita em línguas vernáculas (Ray, 2015, p. 47-51). De acordo com Tara Nummedal (2021, p. 121; 129), sabe-se que as mulheres do início da modernidade se envolviam com a alquimia de diferentes formas. Entre elas, lendo e coletando conhecimento alquímico por meio de livros de receitas. Tais estavam relacionadas, sobretudo, com atividades de seus cotidianos domésticos, como a produção de águas destiladas, medicamentos, tintas, corantes, entre outros. Essa descrição condiz com a obra de Isabella Cortese, o que fortalece os argumentos de Ray acerca do público alvo e nos ajuda a compreender o interesse que as mulheres daquele tempo poderiam ter ao ler livros de segredos.

O fato de “*I secreti...*” ser escrito de uma mulher para outras traz mais autoridade para si e, provavelmente, era um incentivo para a compra. Todavia, conforme refletimos em outra

² O qual, a partir desse momento, trataremos como “*I secreti...*”

publicação (Flores, 2023a, p. 110-111), o fato deste ser o público-alvo não necessariamente indica que essas mulheres tenham condições materiais para realizar tais receitas. Além disso, as questões acerca da autoria feminina nos levam à reflexão sobre o discurso da obra, objeto de análise deste trabalho e que entendemos a partir do proposto pela história cultural de Roger Chartier (2002). Isso implica que nossa análise é feita visando a compreensão do discurso, prática e representação que o documento nos traz acerca da realidade na qual ele foi produzido. Tendo isso em vista, para nós o discurso contido em “*I secreti...*” está ligado a uma expectativa sobre as mulheres. No entanto, antes de abordar o cerne de nossa discussão, nos deteremos a um breve posicionamento dentro dos estudos da alquimia.

Breve comentário acerca dos estudos da alquimia

As pesquisas do campo da história que tratam da alquimia são permeadas por uma discussão que, de forma explícita ou implícita, se faz presente nos textos sobre o assunto. Essa diz respeito ao posicionamento de diferentes autores dentro do embate entre a visão de que a alquimia seria operativa/prática ou especulativa/espiritual. Sendo um debate em aberto, abriremos uma brecha para nos posicionarmos dentro dele.

Os principais precursores desse embate são Lawrence Principe e William Newman, os quais, em um capítulo de livro publicado em 2001, revisam e atualizam sua proposta. Essa concerne na desaprovação de visões espirituais da alquimia, como junguianismo, pansiquismo e esoterismo e a forma como elas geram uma cisão entre a alquimia e a química (Newman & Principe, 2001). Por nos filiamos ao campo de estudos do esoterismo, nos deteremos em argumentar a favor dessa posição frente às críticas feitas pelos dois historiadores.

De acordo com Newman e Principe (2001, p. 397), o principal problema da visão esotérica é a falta de registros históricos que aceitem sua proposta. Para eles, as expressões de piedade, referências a Deus, a questões morais e aparições de mensageiros espirituais não são indicações de que a maior parte dos alquimistas estavam tratando de questões além do trabalho com substâncias materiais e com objetivos materiais. Além disso, por serem textos escritos em um contexto de maior sensibilidade religiosa, a presença de expressões religiosas e espirituais seria natural. Ainda, argumentam que tais características podem ser explicadas sem recorrer à questões espirituais e separações entre alquimia e química. Em outro momento do texto, Newman e Principe (2001, p. 400) afirmam que a rejeição da interpretação espiritual

não quer dizer a exclusão dos aspectos religiosos da alquimia, apenas que torná-la uma disciplina exclusivamente espiritual é uma formulação a-histórica.

Concordamos com os autores em partes. Consideramos que tornar a alquimia unicamente religiosa é um caminho não frutífero para os estudos dela. Ao mesmo tempo, o inverso é tão a-histórico quanto. Afirmar que a maior parte dos documentos que versam sobre a alquimia não aceitam a proposta esotérica e que por consequência ela é menos válida, é generalizar as fontes estudadas. Acreditamos, inclusive, ser contraditório à ideia de não excluir o aspecto religioso dessa prática.

Para melhor elucidar nossa percepção, vamos nos deter em conceituar o que entendemos enquanto esoterismo. Nós seguimos a proposta de Antoine Faivre, o qual é o precursor desse objeto enquanto campo de estudo acadêmico. O autor buscou em documentos do renascimento europeu do século XVI características em comum que fizessem com que se pudesse afirmar que uma determinada fonte era esotérica. A partir disso, traçou quatro categorias essenciais e duas não essenciais que devem se fazer presentes para considerar um texto enquanto pertencente à tradição esotérica.³ A proposta de Faivre implica no que ele chama de um padrão de pensamento presente em algumas fontes daquele período. Tal se relaciona com os elementos descritos por Newman e Principe (2001, p. 367) e que estão supracitados.

Outra preocupação dos autores (Newman e Principe, 2001, p. 418) é a divisão dos termos “alquimia” e “química”, às vezes expressos como “espiritual” e “prático”. Acerca disso, queremos salientar que nossa proposta ao utilizarmos os termos alquimia “espiritual” e “prática” não é de uma cisão da tradição alquímica. Mas sim o reconhecimento de que, sendo o esoterismo proposto por Antoine Faivre um padrão de pensamento presente em determinados documentos –logo na mente dos sujeitos daquele tempo –, um tratado alquímico poderia ser utilizado tanto para fins materiais quanto para religiosos ou espirituais. Considerando isso, passamos então para a análise da alquimia proposta pelo livro, a fim de compreender no que ela consiste e o que nos diz acerca da realidade das mulheres do período.

A alquimia pertencente a todas grandes senhoras

³As críticas ao modelo de Faivre já foram feitas e as reconhecemos. Nosso posicionamento se encontra em Flores (2022).

O livro de Isabella Cortese foi popular para sua época, possuindo diversas versões em italiano e alemão. No entanto, segundo Claire Lesage (1993, p. 170), tais edições possuem diferenças na estrutura textual. Por isso, faz-se necessário salientar que a edição de “*I secreti...*” que utilizamos para essa pesquisa foi publicada em 1565 pelo editor Appresso Giouanni Bariletto na cidade de Veneza. A escolha dessa se deve ao fato de ter sido a versão mais antiga do documento a qual tivemos acesso.

Em tal edição, o excerto alquímico inicia com receitas que exploram a dimensão teórica de tal arte. Bem como contém dez comandos que Cortese julga essenciais de serem seguidos para que a prática alquímica funcione. Neste artigo, não exploraremos as concepções da autora acerca do assunto, pois já o fizemos em outra oportunidade.⁴ Porém, é necessário ressaltar esse ponto para que não deixemos de lado a existência de uma dimensão teórica da alquimia de Cortese.

Prosseguindo, “*I secreti...*” contém 75 receitas alquímicas, as quais organizamos em uma tabela de acordo com suas finalidades (ver Tabela 1). A categoria finalidade foi inferida de acordo com o resultado da receita, a qual se encontra ou no título da mesma ou com a descrição do produto final no corpo textual. Na prática alquímica, há símbolos e palavras que são considerados sinônimos de metais, elementos, operações e outras peculiaridades dessa arte. Em alguns casos, as palavras também podem ser substituídas por símbolos, mas este não é o caso de “*I secreti...*”. Abaixo, elaboramos uma tabela que relaciona o material/metal com seu sinônimo e que ajuda a compreender as escolhas feitas na Tabela 2. Para tal, utilizamos como referência as simbologias elucidadas por Palmira da Costa (2022, p. 30), além daquilo que pudemos inferir pela leitura de nossa fonte.

Tabela 1 – Simbologia alquímica e seus sinônimos

Finalidade	Quantidade	%
Metalurgia	36	46,8%
Tinturas	14	18%

⁴ Caso haja interesse acerca do assunto, recomendamos assistir à gravação da mesa IV da VI Semana Infernal, disponível em: <https://www.youtube.com/live/e9GXRBiFK7I?si=kWPzzD9nH8G2kyI5>. Acesso em: 16/05/2024.

Borracha	6	8%
Corpo/cânfora, alma e espírito	4	5,2%
Águas	3	4%
Sais	3	4%
Óleos	3	4%
Terra fundida	3	4%
Sabão	2	2,6%
Fogo grego	1	1.3%

Fonte: “*I secreti...*”

Tabela 2 - relação de finalidade e quantidade de receitas

Material/Metal	Palavra sinônimo
Ouro	Sol
Prata	Lua
Chumbo	Saturno
Corpo	Cânfora

Referência: Palmira da Costa (2022, p. 30)

A partir da relação entre finalidade e quantidade, decidimos privilegiar a análise das três com maior frequência. No entanto, não nos privamos de tratar das demais, caso conexões e menções se façam pertinentes. Como é possível perceber na Tabela 1, as receitas que categorizamos enquanto “metalurgia” são as mais frequentes, representando mais de um terço do livro. Esse ser um tópico recorrente na obra de Cortese não é inusitado, visto que se trata de um tema comum dentro da arte alquímica. Entretanto, a receita de número 75 chama atenção e nos permite ir além em nossas análises:

Oro potabile. Cap. 75.

Piglia lib.x. de ottimo vino, e destillalo per lambicco, e cavane solamente una libra dapoí leva il lambicco e rimettici nuovo vino, pur lib.x. sopra ilquale rimetterai quella libra d'acqua, e ristillala ricavandone una libra sola, e cosi farai la terza volta, cõ nuovo vino, e ne ricavarai una libra solamente. Poi togli una boccia co'l collo longo assai, e mettivi quella libra d'acqua, e li porrai un'altra boccia di sopradetta mezzo mondo, e mettila nel letame per quattro dì, poi piglia della detta acqua oncia.iy. e ponila nella boccia, e gli porrai. oncia.i. di zucchero candido, e sarà buona, dapoí metti a lambicco la detta acqua e dentro gli metti.lx.pezzi d'oro in foglia, e lassalo stare per quattro hore, poi distilla per bagno maria, e di fatto non asciugare le feci, e cosi serva da parte in doi vasi (Cortese, 1565, p. 62-63).⁵

Como já vimos, considera-se que os livros de segredos contêm receitas de caráter prático. Para muitos autores, inclusive o já citado Eamon (2010, p. 28), isso representa a emergência de uma cultura científica e, muitas vezes, o abandono das correntes esotéricas. O mesmo afirma que esse é o caso de “*I secreti...*”. Todavia, a presença da receita supracitada e outros aspectos do livro nos leva a discordar dessa posição.

Conforme Mircea Eliade (1979), a metalurgia praticada pelo alquimista tem como finalidade a modificação de si próprio. O autor percebe uma crença generalizada da Terra enquanto uma mãe, a qual dá origem aos homens e às pedras. Assim como o primeiro cresce e se modifica, também o último o faz. Porém, a maturação das pedras é, na verdade, uma transformação para diferentes metais preciosos. A partir dessa ligação, a função do alquimista torna-se a de acelerar esse processo natural, a fim de atingir o último estágio possível: o ouro. Sendo então a alquimia um processo de transformação do alquimista, esse procedimento transmutava não apenas a pedra, mas também o sujeito (Eliade, 1979, p. 36-45).

Na Europa do século XV, a redescoberta do *Corpus Hermeticum* e o neoplatonismo trazem uma concepção cristológica para a crença descrita acima. A alquimia passava a ser uma chave para decifrar os segredos de Deus e sua criação (Eliade, 1979, p. 133-134). Em nossa perspectiva, essa análise dialoga com duas das categorias que Antoine Faivre (2010, p. 17-23) estabelece como essenciais na identificação de documentos esotéricos:

⁵ Ouro potável. Cap. 75. Pegue dez libras de um ótimo vinho e destile no alambique. Retire somente uma libra e depois lave o alambique. Após, coloque dez libras de um vinho novo, sobre a qual colocará uma libra de água e a acalmará obtendo uma libra apenas. Farás isso três vezes, com novo vinho, e não terás uma libra somente. Depois, pegue uma tigela com gargalo longo e coloque aquela libra de água. Em outra tigela, coloque meio mundo sobre, e coloque no esterco por quatro dias. Depois, pegue três onças daquela água e coloque na tigela, além disso colocará uma onça de açúcar branco. Assim será bom. Depois coloque no alambique essa água e dentro coloque sessenta pedaços de ouro em folha, e deixe ficar por quatro horas. Depois destile em banho maria, e de fato não seque as fezes, e tal coisa sirva a parte em dois vasos (Tradução da autora).

correspondência e a natureza viva.⁶ Isto é, a crença em entre dois mundos, supra e sub lunar, os quais são conectados através das redes simpatias e antipatias presentes na natureza.

Retomando a receita de ouro potável, Cortese não especifica sua finalidade. Por isso, não podemos deixar de lado o caráter medicinal deste. De acordo com Leah DeVun (2009, p. 54), desde as produções mais antigas sobre alquimia, há relatos da tentativa da extensão da vida humana. Nesse sentido, o ouro potável aparece como uma dessas substâncias que permitiriam a longevidade. Tal aspecto da tradição alquímica chegou ao medievo, sendo utilizado no combate aos surtos de peste bubônica e considerado um remédio universal (DeVun, 2009, p. 77-78). Como percebemos por meio de Michela Pereira (1992, p. 61; 79), vários autores desse período escreveram sobre o assunto, como Avicenna, Joan de Rocatallada, Raimundo Lull e Roger Bacon. Segundo Eamon (2010, p. 116-117; 206), no início da modernidade, ele continuou a ser empregado com esses propósitos, isto é, ainda se acreditava que ele era capaz de curar as corrupções do corpo e restaurar a saúde.

Essa crença, contudo, não se distanciava daquilo visto por Eliade e exposto acima. Isso se torna relevante porque, apesar de estarmos analisando a parte de “*I secreti...*” que trata da alquimia, ele também contém um excerto medicinal. E, conforme percebemos em pesquisas anteriores (Flores, 2023a, p. 110-111), os saberes utilizados para a escrita das diferentes partes do livro são articulados nas demais.

Conforme podemos verificar com a receita número 10,

A cavare Luna fina di Giove. Cap. 10.

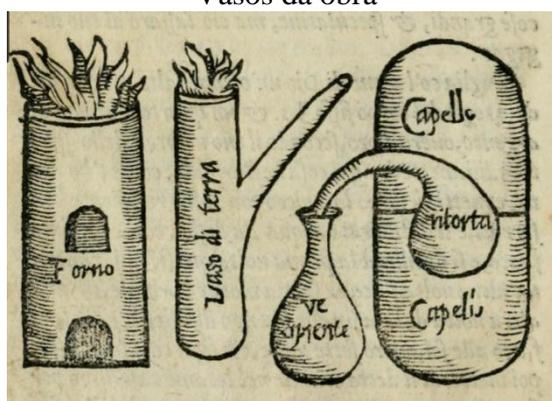
Piglia calce viva fatta di roccia, overo di cogoli trasparenti, poi piglia lib.i. di sal comune, delle qual cose ne farai lessiva, e boglia al fuoco al callo di due terzi, e piglia lib.i. di ferreto di Spagna coolato, e in esso li metterai sopra lib.y. di stagno che sia colato, lequal cose come seranno ben incorporate insieme, cosi colate le metterai a estinguere nella datta lessiva, poi tornerai a colare detto stagno e ferreto, e estinguere nella lessiva nuova, e cosi con questo modo farai insin/infin a sette volte, mutando sempre lessiva, se ti piace. poi habbi. oncia.i. di sale armoniaco. oncia.i. borace, d’orpimento un terzo d’uncia, e siano bem pesti e sottilmente polverizate, e misticate insieme, poi gli metterai dentro due chiara d’ova fresche, con lequali incorporerai la detta polvere, laqual medicina metterai in un crosolo insieme co’l detto Giove e ferreto di compagnia, a fondere ogni cosa insieme, e cosi troverai la tua Luna di copella a tutte le prove (Cortese, 1565, p. 35-36).⁷

⁶ Para o autor (Faivre, 2010), uma obra só pode ser considerada como pertencente ao fenômeno esotérico quando apresenta as quatro categorias essenciais indicadas por ele. Apesar de neste texto trabalharmos apenas com duas, em um artigo anterior desenvolvemos acerca da presença das demais (Flores, 2023a).

⁷ Para extrair Lua fina de Júpiter. Cap. 10. Pegue cal virgem de rocha ou *cogoli* transparente. Depois, pegue uma libra de sal comum, do qual fará laxante, e ferva ao fogo dois terços. Pegue uma libra de ferro fundido da Espanha, e nesse material colocarás por cima de duas libras de estanho fundido. Com as coisas bem

Essa convicção da capacidade de transmutação dos metais não se manifesta apenas na busca do ouro. A extração ou produção de outros metais também eram procurados pelos alquimistas. Nesse caso, temos a prata, a qual é sinônimo de “lua” dentro da simbologia alquímica. Como é possível observar, a receita acima possui termos não traduzidos. Esses indicam recipientes do fazer alquímico, os quais Isabella Cortese ensina a produzir. Para um melhor entendimento desses, veja a imagem retirada do livro, a qual contém uma ilustração desses recipientes.

Imagem 1 - Gravura dos recipientes utilizados nas receitas de Isabella Cortese
Vasos da obra



Referência: “*I secreti...*” (Cortese, 1565p. 28)

Como já mencionado, a presença da alquimia espiritual não é motivo para descartarmos uma análise de seu caráter prático. Assim, promovemos outra faceta interpretativa acerca da razão de existirem tantas receitas envolvendo a metalurgia. Ademais, essa também pode ser utilizada para a análise dos dois outros conjuntos de receitas mais significativas indicados na Tabela 1, sendo elas a fabricação de tinturas (18%) e borrachas (8%). Posto isso, essa interpretação leva em consideração o contexto econômico de Veneza no momento em que “*I secreti...*” foi publicado.

Neste ponto, não podemos deixar de esclarecer a dualidade do substantivo Veneza. Isso pois, no período trabalhado, este denomina tanto a República de Veneza quanto a cidade. Dessa forma, não podemos generalizar as condições da cidade para a República ou o

incorporadas, colocarás a extinguir no laxante, depois voltarás a colocar estanho e ferro. Extinguir no novo laxante, e desse modo farás sete vezes, mudando sempre o laxante, se quiseres. Depois pegue uma onça de sal amoníaco, uma onça de bórax, um terço de onça de orpimento e moa-o bem. Sutilmente pulverizados, misture-os e depois coloque dentro duas claras de ovos frescos, com os quais incorpora os pós. Coloque essa medicina dentro de um *crosole* com o dito Júpiter e ferro de companhia. Funda essas coisas e assim encontrarás a tua Lua de *copella* em todas as provações (Tradução da autora).

contrário. As principais pesquisas que utilizamos como base para nossa posição analítica acerca da fonte utilizam de documentos da cidade de Veneza. A saber, as de Monica Chojnacka (2001), Beatriz Bellavitis e Valentina Sapienza (2022). Assim sendo, ao falarmos da condição das mulheres em Veneza, nos referimos às peculiaridades da vida na cidade.

Conforme Anna Bellavitis e Valentina Sapienza (2022, p. 103-104), Veneza do século XVI concentrava seus esforços econômicos para abastecer os mercados de luxo alemão e levantino. Assim sendo, as produções de seda e artigos com fios de ouro e outros metais eram comuns. Ainda, outras atividades como fabricação de vidro, sabonete, tecidos de lã e impressão de livros também eram destaques. Nesse sentido, Luciano Pezzolo (2013, p. 273) também ressalta o trabalho dos ourives.

Além da venda de produtos de luxo produzidos no Estado de Veneza, destacam-se a comercialização de temperos e metais preciosos. De acordo com Pezzolo (2013, p. 264), entre 1558 e 1560 Veneza exportou cerca de cento e vinte e cinco toneladas de prata para Constantinopla. A propósito, a partir dos contratos das corporações de ofício, Bellavitis e Sapienza (2022, p. 117) percebem que esse ofício estava entre os dez mais representativos na cidade de Veneza. Ademais, o número de ferreiros também era significativo.

Conforme destaca Nummedal (2007, p. 73-95), a alquimia em seu caráter metalúrgico ganhou força e patrocínio de príncipes e mercadores dos territórios italianos no século XVI. Tal explicação recai na instabilidade política do período, a qual advinha dos inúmeros conflitos por territórios e até mesmo religiosos. Além disso, a requisição de alquimistas nas cortes também estava ligada ao histórico envolvimento dos príncipes no controle das minas. No período retratado, a extração de prata das Américas fragilizou e inflacionou o mercado Europeu, reforçando a necessidade de avanços técnicos na mineração, algo que se julgava que o alquimista seria capaz de auxiliar. Além de, é claro, alguns crerem na capacidade de transmutação dos metais enquanto uma solução rápida.

A partir dessas informações, acreditamos que esse contexto econômico possivelmente foi um fator de influência no livro de Isabella Cortese. A vista disso, percebemos como o domínio da metalurgia era importante para a manutenção desse mundo conectado pelo comércio de média e longa distância. Tanto para a fabricação desses produtos de luxo, os quais envolviam adornos de ouro e prata, quanto para o transporte desses metais.

Nesse sentido, a existência de receitas como “*Candela da romper ogni ferro. Cap. 14*”, “*Indolcir il ferro. Cap. 15*”, “*Tempera da dare al ferro che tagli l’altro. Cap. 16*”, “*Improntar in ferro ogni medaglia. Cap. 25*”, “*Tempera di ferro durissima. Cap. 57*”, “*A*

indorar ferro. Cap. 59”, “*Per incavar ferro. Cap. 60*”, “*A fonder il ferro e farà dolce. Cap. 61.*” (Cortese, 1565, *Tavola dei capitoli*),⁸ entre tantas outras, ganham outra função além do desenvolvimento espiritual do alquimista.

Mas por que há tantas receitas desse tipo em um livro para mulheres? Para nós, a resposta a essa indagação, e por conseguinte do objetivo deste artigo, recai nas condições de vida das mulheres nesse contexto. Isso pois a alquimia proposta por Cortese reflete as concepções do que era uma mulher no mundo ideal e teorizado, ao mesmo tempo em que conversa com a prática do cotidiano.

Aqui, vale salientar que nossa análise sobre esses sujeitos históricos segue aquilo proposto por Joan Scott acerca dos estudos de gênero. Para a autora (Scott, 1986, p. 1067), “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é uma forma primária de significar as relações de poder”. Assim sendo, ele deve ser tratado como uma categoria de análise histórica. Para isso, se faz indispensável perceber, dentro de tais dinâmicas, espaços para agência de construção de identidades.

Para compreender aquilo que era considerado enquanto mulher e o que a ela era atribuído, é imprescindível explorar a visão acerca da mulher que foi produzida pelos autores da escolástica. Essa, a qual Quentin Skinner (2020, p. 70) afirma ter sido fundamental para o pensamento renascentista, tem como um de seus principais nomes Tomás de Aquino. Entretanto, para entender o olhar deste sobre as mulheres, faz-se necessário recuar à visão de Aristóteles, a qual Aquino se embasa.

Para Aristóteles, havia uma hierarquia dos corpos baseada na distinção entre fêmea e macho, que se manifestavam na diferença de órgãos sexuais. A primeira seria uma versão mutilada do segundo, um ser incapaz de produzir o órgão mais perfeito, o macho é a potência mais perfeita porque porta consigo a forma e é o princípio da geração, enquanto a fêmea representa a ausência e é a portadora da prole. Isso indica que se acreditava na existência de apenas um sexo, o masculino, mas com dois gêneros. Assim, as diferenças de gênero seriam culturais e não biológicas. Nesse sentido, essa distinção e os diferentes papéis de gênero são tidos como naturais (Laqueur, 2001, p. 44-50; Schalcher, 1998, p. 331-344).

⁸ “Vela para romper todo ferro. Cap. 14”, “Adoçar o ferro. Cap. 15”, “Têmpera para dar ao ferro que corta outro. Cap. 16”, “Imprima no ferro cada medalha. Cap. 25”, “Têmpera de ferro duríssimo. Cap. 57”, “Para dourar o ferro. Cap. 59”, “Para entalhar ferro. Cap. 60”, “Para derreter o ferro, e será doce. Cap. 61” (Tradução da autora).

Já Tomás de Aquino se apropria dessa visão levando em conta a narrativa bíblica. Desse modo, o ato de Deus ter criado a mulher a partir do homem naturaliza sua condição como inferior. Portanto, ela se configura como um ser imperfeito devido à mesma lógica apresentada por Aristóteles: seu papel passivo na concepção. Assim sendo, essa inferioridade indica a necessidade de tutela da mulher. Principalmente levando em consideração que elas seriam responsáveis pelo pecado original (de Souza, 2016, p. 92-97; Fonseca, 2009, p. 25).

Conforme análises anteriores (Flores, 2023b), percebemos que a dimensão da tutela se manifesta na tríade filha, esposa e viúva. Para um melhor enfoque de nossa discussão, nos deteremos a observar essa tutela sob a ótica do trabalho e seu funcionamento em Veneza. De acordo com Monica Chojnacka (2001, p. 6), enquanto filha e futura esposa, geralmente uma mulher aprendia com sua mãe os trabalhos de uma mulher e até mesmo já ajudava o pai no trabalho. Isso servia como uma preparação para a vida de casada, a qual também era determinada pelo pai, pois esse interferia na escolha e muitas vezes até mesmo escolhia ele próprio o cônjuge.

Enquanto esposas, Margaret King (2008, p. 35) sintetiza a relação das mulheres com os maridos como negociações entre desiguais, pois ao mesmo tempo em que a esposa deveria ser uma parceira, também deveria ser uma subordinada. Como uma parceria entre desiguais, um casamento indicava a necessidade do homem em prover para a esposa e seus filhos, já da mulher era esperado a manutenção da casa e a criação da prole. Além disso, muitas esposas também trabalhavam ao lado de seus maridos, assumindo o mesmo ofício e mantendo os livros contábeis (Hanks & Chojnacka, 2014, p. 135).

Aquelas que ajudavam a família financeiramente ganhavam grau de respeito do marido, o que permitia com que tomassem decisões importantes em casa. Ademais, era comum que mulheres exercessem diversos níveis de controle financeiro e que possuíssem propriedades. Por fim, enquanto viúvas, elas tinham poder maior sobre seus bens. Logo, ao contrário da maior parte dos casos, eram livres da tutela de guardiões masculinos (Chojnacka, 2001, pp. 9-27). Apesar de haver uma ideologia de tutela do homem em relação à mulher, em Veneza percebemos que as possibilidades de agência eram mais amplas. Isso, no entanto, não exclui a primeira colocação e muito menos pretende indicar que elas estavam em pé de igualdade com os homens (Flores, 2023b).

Como pudemos verificar, a vida de uma mulher em Veneza, que não pertencia às camadas mais elevadas daquela sociedade, envolvia trabalho tanto no lar quanto fora dele, sendo esse último geralmente ao lado do marido. Outras evidências do trabalho feminino

aparecem em contratos de aprendizagem de corporações de ofício. Entretanto, esses são poucos devido às regulamentações entre os séculos XV e XVI que restringiram o acesso das mulheres às guildas (Bellavitis e Sapienza, 2022, p. 114-115; 121). Apesar disso, muitas esposas continuavam a conduzir os negócios de seus maridos quando estes faleceram (Hanks e Chojnacka, 2014, p. 170). Para nós, esse fator implica em um determinado domínio da mulher sobre a atividade econômica a qual seu marido exercia.

O que queremos apontar é que a quantidade de receitas alquímicas que envolvem a metalurgia em “*I secreti...*”, o qual era destinado às mulheres, também pode ser resultado do exposto acima. Isto é, que o papel de gênero imposto a elas enquanto esposas recaía na manutenção da vida econômica do lar ao lado de seus maridos ou independente deles. Por conseguinte, para se manterem após a morte de seus cônjuges e continuar com seus negócios, era necessário um saber de fato da atividade. Especialmente se levada em consideração a quantidade expressiva de pessoas que se envolviam no trabalho com metais, como ourives ou ferreiros, e sua relevância no mundo econômico de Veneza. Ainda, o conhecimento sobre metalurgia adquirido pelas leitoras do livro poderia garantir o sustento relacionado ao processo de mineração na Europa.

Há outras várias receitas que vão ao sentido de nossa argumentação. Destacamos aqui aquelas que, conforme a Tabela 1, fazem parte do conjunto que ocupa a terceira posição de frequência no documento analisado. Ou seja, as borrachas (8%). A receita de número 8, por exemplo:

Scancellar lettere senza guastar carta pergamena. Cap. 8.

Di maggio, o di marzo, o d'aprile, piglia ruta e ortica e cava sugo, ana, poi, piglia cacio, o latte, e unghia carta bergamina cõ proportione, e piglia un pezzetto di calce viva, e misticala con i sopradetti liquori, e fa un panetto, e dissecca al Sole, e polveriza, e quando vorrai levare le lettere humidisci con acqua, o con lo sputo quel luogo, e spargivi sù della detta polvere, e stiavi alquanto, e poi ungi, e potrai scancellare senza guastar carta. Al medesimo. Trita bene l'alime di rocca e impastalo col sugo d'aranci e metti all'aria che si secchi, poi frega sopra le littere, e serà fatto. Al medesimo. Incorpora la biacca polverizata col latte di fico che si facci come pasta liquida, come quella di cialdoni, e seccala all'ombra, e ritornala a polverizare e humidire e far pasta come di sopra, e cosi farai per quattro volte, poi fa polvere, e servala. E quando vuoi oprala. Bagna un pãno lino in acqua e spremilo molto bene e quello mena sopra le lettere legghiermente, poi metti della detta polvere sù, e stia cosi per una notte, e la mattina piglia un pannolino pien di bambagia e con quello frega le lettere, e scancellaransi (Cortese, 1565, p. 34-35).⁹

⁹Apague letras sem gastar cartas de pergaminho. Cap. 8. Pegue arruda e ortiga colhidas em maio, março ou abril e retire a mesma quantidade de suco delas. Depois, pegue queijo ou leite e unte a carta pergaminho com proporção. Pegue um pedaço de cal virgem, misture com o licor acima e faça uma espécie de pão. Seque-o ao

Trata-se de uma borracha capaz de apagar a tinta sem danificar o papel. Ressaltamos tal receita, pois ela contém três formas de ser feita, algo que nos indica a relevância do produto. Este, aliás, poderia ser utilizado para a já mencionada tarefa de manutenção dos livros contábeis.

Outros capítulos que envolvem a fabricação de borrachas¹⁰ são o de número 20 e 32:

Borace per gli orafi. Cap. 20.

Piglia alume di rocca salnitro ana, e posta insieme e fagli liquefare al fuoco in un tegame su le bragie, poi polveriza, e metti bollire in latte di vacca sempre mescolando per fin che serà spesso, un poco, poi lo metti in vaso di vetro ben turato, sotto'l letame per trenta dì e serà fatto. (Cortese, 1565, p. 38-39).¹¹

Borace per fonder e soldar ogni metallo. Cap. 32.

Piglia Arsinico, salnitro ana, parte una, sal comune preparato, alume di rocca, ana par.s. insieme triti si pongano in una boccia, o in un fiaschetto di vetro, e fagli foco intorno, come sai e sarà fatto (Cortese, 1565, p. 43).¹²

Nesse caso, essas se conectam com o ofício dos ourives e dos ferreiros, os quais já referenciamos como importantes dentro do contexto.

Evidentemente, mulheres não se filiavam apenas aos ofícios de seus maridos. Algumas ocupações que se envolviam eram os trabalhos domésticos (para terceiros), fabricantes de linho, padeiras, sapateiras, barqueiras e comerciantes de diversos tipos. Ainda, havia casos

Sol e pulverize. Quando desejares lavar a letra, umedeça com água ou cuspe no lugar e espalhe esse pó. Deixe ficar um pouco e depois besunte e poderás apagar sem gastar a carta. Para o mesmo. Triture bem o alumínio de pedra e amasse com suco de laranja e coloque no ar para secar. Depois, esfregue sobre a letra e será feito. Para o mesmo. Incorpore chumbo pulverizado com leite de figo, o qual se faz como uma pasta líquida, assim como aquela de bolachas. Deixe secar na sombra e pulverize-a. Umedeça-a e faça uma pasta como a de cima. Repita esse processo quatro vezes e depois faça pó para servi-lo. E quando quiser opera-la, banhe um pano de linho em água e esprema-o muito bem. Passe o pano levemente nas letras e depois coloque esse pó em cima. Deixe-o por uma noite e, de manhã, pegue um pano de linho cheio de algodão e com ele esfregue as letras. Assim, elas se apagarão (Tradução da autora).

¹⁰ De acordo com a edição crítica de “*I secreti...*” feita por Paula Mollà Galvany (2021, p. 111), “Bórax: Sal de sódio do ácido tetrabórico: cristaliza em prismas monoclinico, incolor, com dez moléculas de água; em solução aquoso tem uma reação alcalina suave e anti-séptica (e é encontrado na natureza dissolvidos e na forma de incrustações em bacias lacustres, na Índia, no Tibete, Califórnia, ou é preparado comercialmente através do tratamento de um ácido bórico quente com carbonato de sódio: é usado na medicina como desinfetante suave, na indústria como fundente em preparação de vidro, esmalte, metal e como mordente na operação de tingimento) // Bórax: Substância branca constituída por sal de ácido bórico e sódio, usado em farmácias e indústria, que pode ser encontrado lá Estado natural. (RAE). (Passim).”

¹¹ Bórax para ourives. Cap. 20. Pegue alume de rocha e salitre-gema na mesma quantidade, e coloque junto. Faça-os liquidificar ao fogo em uma panela nas brasas, depois pulverize e coloque para ferver em leite de vaca, sempre misturando até que fique um pouco espesso. Depois, coloque em um vaso de vidro bem fechado, sob estreme por trinta dias que será feito (Tradução da autora).

¹² Borracha para derreter e soldar todo metal. Cap. 32. Pegue arsênico e salitre na mesma quantidade. Uma parte de sal comum preparado e alume-gema na mesma quantidade de cinco partes. Junte, triture e coloque-os em uma tigela ou em um frasco de vidro. Faça fogo ao redor, como você sabe, e estará feito (Tradução da autora).

daquelas que tocavam negócios de forma independente dos homens de sua vida, sejam elas não casadas, casadas ou viúvas (Chojnacka, 2001, p. 41-45). Porém, o maior destaque vai para a presença delas na produção de seda e outros tecidos (Bellavitis e Sapienza, 2022, p. 104).

Conforme demonstrado na Tabela 1, o segundo conjunto de receitas mais numerosas, representando 18% do total, diz respeito à fabricação de tinturas. Essas fazem parte do escopo de assuntos comuns de serem tratados nos livros do gênero literário do segredo (Gruman Martins, 2021, p. 224) e se encontram nesse trecho da fonte justamente devido à visão da alquimia enquanto a arte da transformação/transmutação dos materiais (Eamon, 2010, p. 117). Na nossa perspectiva, uma receita emblemática dessa ideia é a de número 7:

Inchiostro che in quarante dì sparisce e non si vede. Cap. 7.
Piglia acqua forte da partire e in quella da bollire la galla poi il vitriolo, poi mettigli tanto sale armoniaco quato nell'acqua si potrà risolvere, e poi metti la gomma arabico dentro, e questo inchostro farà l'effetto sopradetto. E dico che la littera e l'inchiostro verrà piu nero che l'altro (Cortese, 1565, p. 34).¹³

Em nossa perspectiva, o fato desse conjunto de receitas ser o segundo mais presente na prática alquímica proposta por “*I secreti...*” pode ser relacionado justamente com o dito acima. Isto é, com a quantidade de mulheres que praticavam ofícios envolvendo tecidos, visto que essas tinturas poderiam ser utilizadas para tingir tal produto.

Do total de quatorze tintas que Cortese ensina a fabricar, oito são de cor azul. Ao observarmos a receita 21, percebemos que essa possui mais de uma maneira de fazer a tonalidade proposta, algo que também ocorre com a de número 36.

Azzurro d'argento cosi si fa. Cap. 21.
Farai fare un tegametto longo un palmo e mezzo largo un somnesso, alto quattro dita, o manco, e fagli fare il coperocchio che sigilli ben di fora, e lutalo bene, poi toglì argento de copella laminato sottile, e fanne pezzi quadri sō due busi et attacca e quelli bastoncelli che son fatti da un canto nel lato del tegame alquale farai fare certi busetti per posare i detti bastoncelli, quase insieme e metti nel tegame aceto forte e sal armoniaco, cioè, ad ogni lib. iy. d'aceto lib.i. di sal armoniaco, e metti le lamine d'argento lontane dall'aceto tre dita, poi copri il tegame e metti sotto il letame caldo de cavallo, per quindici dì e ogni quindici dì nettarai le lamin; e come non fanno piu rifondi lo argento, e fa come di sopra, ma prima, ogni volta fa che involti le dette lamine d'argento vivo, e vedi di bagnare prima le lamine accioche l'argèto

¹³ Tinta que em quarenta dias desaparece e não se vê. Cap. 7 Para começar, pegue água forte e nela ferva fel. Depois ferva vitríolo nela. Após, coloque tanto sal amoníaco quanto se pode dissolver na água, e depois coloque a goma arábica dentro. Essa tinta terá o efeito acima. E digo que a letra e a tinta serão mais pretas que a outra (Tradução da autora).

vivo se gli attachi, e serà azurro oltre marino finissimo. Azurro altrimenti. Piglia una pentola invitriata e falla mezza di calce viva, e empila d'aceto buono e sopra metti endico, a discrezione, poi copri e luta bene, per quindici giorni, per un mese, in letame, poi cava e serà azurro basso. (Cortese, 1565, p. 39).¹⁴

Isso significa que, no total, há dez modos diferentes de se fazer esse pigmento.

Ainda, as formas de fazer o azul variam em complexidade, algo que também podemos perceber na receita acima. Isso pois a primeira opção se trata de um processo mais detalhado, enquanto a segunda é mais direta. Apesar de maneiras descritas demoram cerca de quinze dias para ficarem prontas, há outras receitas que demoram menos, como a 40:

Azurro buono. Cap. 40.

Piglia argento vivo parte.y. solfo parte terza, sal armoniaco, par.iiy. mistica insieme e ben peste e distéperate con acqua e peste in boccia lutata bene, e locata sopra il fornello a fuoco de carboni, quãdo si vedrà uscire il fumo azurro si rompa quando sarà raffreddata, e trouver assi azurro in colore dimile all'oltre marino, e buono in opera. (Cortese, 1565, p. 45).¹⁵

De acordo com Michel Pastoureau (2001, p. 93), o azul era uma cor comum em roupas de homens e mulheres ao longo da Idade Média. Além do mais, foi no século XVI que, segundo Luca Molà (2000, p. 132), ele ganhou uma gama maior de tonalidades. Para nós, isso marca a popularidade desse pigmento e, por conseguinte, uma provável demanda de tecidos tingidos com ele. À vista disso, acreditamos que a frequência dos corantes azuis em “*I secreti...*” e o fato da cor ter sido comum em vestimentas ao longo de nosso recorte temporal conversam com nossa ideia de que essas receitas estão ligadas ao ofício feminino de trabalho com tecidos.

¹⁴ Azul de prata como fazer. Cap. 21. Você fará uma panela pequena, no comprimento de um palmo e meio e quatro dedos de largura, ou menos. Faça com que a tampa cubra bem o buraco e feche bem. Depois, parta prata da *copella* sutilmente laminada e faça quatro pedaços quadrados com dois galhos. Atache esse bastões e aqueles palitos que foram feitos de um lado na lateral da panela que você terá feito certas tampas pequenas para colocar os ditos palitos, quase junto e coloque na panela vinagre forte e sal amoníaco, isto é, adicione duas libras de vinagre e uma de sal amoníaco, e coloque a lâmina de prata a três dedos do vinagre, depois cubra a panela e coloque estrume de cavalo quente, por quinze dias e todos quinze dias limparás a lâmina; e como não se derreta mais prata, e faça como em cima, mas primeiro, toda vez faça que as lâminas estejam envoltas de mercúrio, e de molhar a primeira lâmina para que o mercúrio se prenda, e será azul marinha finíssimo. Azul de outra forma. Pegue uma panela vidrada e encha até a metade com cal virgem. Encha-a, também, com um bom vinagre e coloque endico por cima, a gosto. Depois, cubra e ferva bem, por quinze dias ou um mês, em esterco. Depois, cave e o azul estará em baixo (Tradução da autora).

¹⁵ Azul bom. Cap. 40. Pegue duas partes de mercúrio, três de enxofre e quatro de sal amoníaco. Misture-os juntos e bem socados. Após, dissolva-os com água e misture em um pilão. Coloque-os sobre um fogão com fogo de brasas e quando vires sair fumaça azul, ela se quebrará quando for resfriada. Você encontrará esse azul em cor semelhante ao outro marinho, e boa de trabalhar (Tradução da autora).

Desse modo, percebemos como o livro de Isabella Cortese revela os espaços de agência de mulheres naquela sociedade. Seja pela possibilidade da dedicação à uma alquimia espiritual e sua busca pela transmutação da alma, seja pela procura pelos seus efeitos mais práticos. Ambos, no entanto, serviam a um mesmo propósito: auxiliavam-nas a controlar diferentes níveis do cotidiano.

Conclusões

Afinal, qual a alquimia destinada às mulheres e o que isso nos diz acerca da condição delas nos territórios italianos do século XVI? Por meio do exposto, vemos como a resposta para essa pergunta necessita ser feita levando em consideração múltiplos ângulos. Sobretudo porque não acreditamos que a presença de aspectos espirituais ou esotéricos da alquimia excluem os práticos.

Em um primeiro momento, a quantidade de receitas envolvendo a metalurgia nos revela que “*I secreti...*” propõe uma prática alquímica clássica. Assim, a finalidade da alquimia destinada às mulheres não seria totalmente distinta àquela praticada pelos homens. Nesse sentido, as agências espirituais e práticas que essa corrente esotérica possibilitava não possuiria distinção de gênero.

Todavia, a análise das demais receitas em conjunto com a historiografia do contexto de época nos demonstra marcações de gênero na fonte. No caso, as finalidades de tais receitas nos levaram a leituras que envolviam os aspectos econômicos daquela sociedade. Com isso, acabamos na dimensão do trabalho. Ainda, ressaltamos que seguir por esse caminho nos permitiu fortalecer aquilo que já percebemos em outras pesquisas. Isto é, os impactos que um mundo conectado pelo comércio de média e longa distância gerava na vida das mulheres.

Dessa forma, o primeiro aspecto sobre o qual nos detivemos envolve as possibilidades de agência ao praticarem ofícios ao lado de seus maridos. Isso pois as investigações sobre a realidade das mulheres na Europa e na cidade de Veneza apontam que, enquanto esposas, era esperado que elas acompanhassem os maridos em seus ofícios.

Verificamos que havia uma quantidade expressiva de membros em guildas relacionadas ao trabalho com metais e a relevância desse ofício para o contexto econômico de Veneza. Com essas informações, pudemos olhar para as receitas de metalurgia sob outra óptica. Desta maneira, conseguimos relacioná-las com a possibilidade das esposas desses ferreiros e ourives levarem o negócio de seus maridos adiante quando estes morriam. Para que tal cenário ocorresse, no entanto, acreditamos que seria necessário um saber de fato desses

ofícios. Por conseguinte, para nós, esse conjunto de receitas em “*I secreti...*” apontam justamente esse fator de agência para a manutenção de suas condições econômicas e sociais.

Ademais, percebemos que outros tipos de receita também apontam para o trabalho ao lado dos maridos. A exemplo disso, abordamos aquelas com a finalidade de produção de borrachas e as atrelamos ao cuidado com os livros de contas. Vale ressaltar que o livro do Cortese também possui outras receitas que podem ser abordadas nesse mesmo sentido, além daquelas que envolvem o trabalho no lar. Todavia, escolhemos nos deter naquelas de maior representatividade quantitativa e esperamos sermos capazes de explorar o assunto em outras oportunidades.

Contudo, nem todas as mulheres trabalhavam com seus maridos. As pesquisas apontam que, na verdade, muitas se envolviam no processo de fabricação de tecidos. Para nós, as receitas de tinturas conversam com essa realidade e, em um movimento dialético, essa realidade explica a quantidade de receitas de tinturas. Posto isso, essa parte da obra nos revela um reforço do lugar que esses sujeitos deveriam ocupar quando se tratava de espaços de trabalho. Ao mesmo tempo em que permitia com que elas aperfeiçoassem suas técnicas.

Em suma, a alquimia destinada à mulher nos territórios italianos do século XVI contempla tudo relatado acima. Ela é espiritual e esotérica, buscando uma transmutação do estado de ser do alquimista e, por isso, igual à dos homens. Mas também é prática, conectada com os papéis de gênero, os espaços de agência e o trabalho por elas exercido naquele contexto.

Fontes

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Vozes da misoginia medieval: Aristóteles disseminado em Santo Isidoro de Sevilha, Santo Anselmo e São Tomás de Aquino. **Diretores**, 23, 2009.

GALVANY, Paula Mollà. **I Secreti della Signora Isabella Cortese**. Edición crítica. Valência, 2021.

Isabella CORTESE. *I Secreti De La Signora Isabella Cortese: Ne'quali Si Contengono Cose Minerali, Medicinali, Arteficiose, & Alchimiche, & Molte De L'arte Profumatoria, Appartenenti a Ogni Gran Signora: Con Altri Bellissimi Secreti Aggiunti*. Veneza: Appresso Giouanni Bariletto, 1565.

Vocabolario degli Accademici della Crusca. **Accademia della Crusca**. Disponível em: <http://www.lessicografia.it/ricerca_libera.jsp>. Acesso em: 29/09/2022.

Referências Bibliográficas

BELLAVITIS, Anna; SAPIENZA, Valentina. A data set for historians. In: BELLAVITIS, Anna; SAPIENZA, Valentina. **Apprenticeship, Work, Society in Early Modern Venice**. London: Routledge, 2022, p.101-165.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2ª edição. Algés: DIFEL, 2002.

CHOJNACKA, Monica. **Working women of early modern Venice**. Baltimore: JHU Press, 2001.

CORSETTI, Jean Paul. **Historia del esoterismo y de las ciencias ocultas**. Argentina: Larousse, 1993.

DA COSTA, Palmira Fontes. Simbologia e alegoria na linguagem alquímica. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Química**, pp. 29-35, out-dez de 2002.

DEVUN, L. **Prophecy, Alchemy, and the End of Time: John of Rupescissa in the Late Middle Ages**. [s.l.] Columbia University Press, 2009.

EAMON, William. From the secrets of nature to public knowledge: The origins of the concept of openness in science. **Minerva**, v. 23, n. 3, p.321–347, 1986.

EAMON, William. **The professor of secrets: mystery, medicine, and alchemy in Renaissance Italy**. Washington, D.C: National Geographic, 2010.

ELIADE, Mircea. **Ferreiros e alquimistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

FAIVRE, Antoine. Introduction. In: FAIVRE, Antoine. **Western Esotericism: A Concise History**. Albany: Suny Press, 2010, p. 1-24.

FLORES, I. A. “I Secreti de la Signora Isabella Cortese”: uma proposta de pesquisa. Em: NASCIMENTO, R. C. DE S.; ROMUALDO, W. DOS S. (Eds.). **Sacralidades Medievais: Narrativas, Memórias e Representações**. Goiânia, GO: Tempestiva, 2022. p. 436–454.

FLORES, Isabel Antonello. Os segredos de se fazer bela: representação, discurso e práticas de um ideal de beleza feminino através da fonte “I secreti de la signora Isabella Cortese” (Itália, século XVI). **Melancolia**, v. 8, p. 96–115, 2023a.

FLORES, Isabel Antonello. Ser mulher entre teoria e realidade: uma breve discussão da condição feminina em Veneza (século XVI). In.: JUNGES, *at al.* **IV CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM HISTÓRIA** História Pública: os (maus) usos do passado, negacionismos e revisionismos históricos no século XXI. Santa Maria: p. 35-38, 2023b.

FLORES, Isabel. **“Cheguei ao conhecimento da verdade”**: panorama da prática alquímica proposta por Isabella Cortese para o público feminino (Itália, século XVI). In: **VI Semana Infernal**. VI Semana Infernal - Mesa IV: Mirabilia e Alquimia. Youtube, 11/10/2023c. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/e9GXRBiFK7I?si=jWT1NY23Ps22yCK6>. Acesso em: 16/05/2024.

GRUMAN MARTINS, Julia. Os livros de segredos italianos e o desenvolvimento da ciência moderna. **Oficina do Historiador**, v. 7, n. 2, pp. 221-242, 2014.

HANKS, Merry Wiesner; CHOJNACKA, Monica. **Ages of Woman, Ages of Man: Sources in European Social History, 1400-1750**. 0. ed. [s.l.]: Routledge, 2014. Disponível em: <<https://www.taylorfrancis.com/books/9781317875819>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

KING, Margareth. **Women of the Renaissance**. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 44-149, 2001.
- LEONG, Elaine Yuen Tien; RANKIN, Alisha. **Secrets and knowledge in medicine and science, 1500-1800**. Burlington (Vt.): Ashgate, 2011.
- LESAGE, Claire. La littérature des ‘secrets’ et I secreti d’Isabella Cortese. **Chroniques italiennes**. Paris, n. 36, p.145-178, 1993.
- MOLÀ, Luca. Dyeing: the expanding palette. In: MOLÀ, Luca. **The silk industry of Renaissance Venice**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2000, pp. 107-137.
- NEWMAN, W.; PRINCIPE, L. Some Problems with the Historiography of Alchemy. Em: **Secrets of nature: astrology and alchemy in early modern Europe**. Cambridge: The MIT Press, 2001. p. 385–431.
- NUMMEDAL, T. Alchemical Bodies: Discursive and Material Visions. **Early Modern Women: An Interdisciplinary Journal**, v. 15, n. 2, p. 121–132, 1 mar. 2021.
- NUMMEDAL, T. E. **Alchemy and authority in the Holy Roman Empire**. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- PASTOUREAU, Michel. A Moral Color In: PASTOUREAU, Michel. **Blue: the history of a color**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001, pp. 85-122.
- PEREIRA, M. **L’oro dei filosofi: Saggio sulle idee di un alchimista del Trecento**. Spoleto: Centro Italiano di Studi Sull’Alto Medioevo, 1992.
- PEZZOLO, Luciano. The Venetian Economy. In: DURSTELER, Eric (Org.). **A Companion to Venetian History, 1400-1797**. Leiden; Boston: Brill, 2013, pp.255-289.
- RAY, Meredith K. The Secrets of Isabella Cortese: Practical Alchemy and Women Readers. In: RAY, Meredith K. **Daughters of alchemy: women and scientific culture in early modern Italy**. Florença: Harvard University Press, 2015. p. 46-72.
- SALOMÉ DE SOUZA, Alexandre Bueno. São Tomás De Aquino E Santo Agostinho E A Mulher Na Idade Média. **Annales Faje**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2016, pp.92-101. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/anales/article/view/3600>. Acesso em: 16/05/2024.
- SCHALCHER, Maria da Graça Ferreira. Considerações sobre o tema da mulher no pensamento de Aristóteles. **Revista Phoënix**, Rio de Janeiro, 4, 1998, p. 331-344.
- SCOTT, Joan. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. **The American Historical Review**, 91(5), 1986, p. 1053–1075.
- SKINNER, Quentin. Escolástica e liberdade. In: SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 70-87.